



## QUANDO QUEM USA É QUEM CRIA: PENSAMENTO PROJETUAL E ACESSIBILIDADE NA CASA DO ARQUITETO MILTON MONTE (BELÉM - PA)

### *WHEN THE USER IS THE CREATOR: DESIGN THINKING AND ACCESSIBILITY IN THE ARCHITECT HOUSE' MILTON MONTE (BELÉM - PA)*

**PARENTE, Tainá Barbosa (1)**

**PERDIGÃO, Ana Klaudia de Almeida Viana (2)**

(1) Universidade Federal do Pará, Mestranda

e-mail:[tainabparente@gmail.com](mailto:tainabparente@gmail.com)

(2) Universidade Federal do Pará, Doutora

e-mail:[klaudiaufpa@gmail.com](mailto:klaudiaufpa@gmail.com)

#### RESUMO

Este artigo aborda o processo projetual de Milton Monte, arquiteto da primeira turma de arquitetos formados na UFPA, com grande referência regional, ainda que formado em escola considerada sob influência do pensamento moderno, a partir de um momento particular de sua vida, quando se tornou cadeirante e implementou adequações acessíveis em sua residência. Procura-se compreender a produção do ambiente construído desde a perspectiva profissional à de usuário, considerando-se tanto o processo projetual quanto as adaptações feitas a partir de própria vivência. Esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa multimétodos, com uma análise espacial, associando-se entrevistas, fotografias e desenhos esquemáticos.

**Palavras-chave:** Milton Monte; Processo de Projeto; Acessibilidade.

#### ABSTRACT

*This article discusses the design process of Milton Monte, architect of the first group of architects trained at UFPA with great regional reference, even though he was trained in a school considered to be under the influence of modern thought, from a particular moment in his life, when he became a wheelchair user and he implemented accessible adaptations in his residence. It seeks to understand the production of the built environment from the professional and user perspectives, considering both the design process and the adaptations made from one's own experience. This research uses a qualitative multi-method approach, with a spatial analysis associating interviews, photographs and schematic drawings.*

**Keywords:** Milton Monte; Design Process; Accessibility.



## INTRODUÇÃO

A casa, como residência, expressa não somente o espaço das subjetividades de seu morador (usuário), como também o encontro da técnica e da concepção daquele que a projetou (o arquiteto). Esse encontro entre usuário e arquiteto é percebido cientificamente como humanização do projeto de arquitetura. A interação humana com o espaço construído é um campo importante para a investigação do processo projetual.

Quando há a superposição de papéis entre o arquiteto e usuário, existe uma rara oportunidade de liberdade formal e programática que se expressa em inovações espaciais, construtivas, expressivas e urbanísticas (PEREIRA & FUJIOKA, 2015). Neste ponto, conhecer a residência de Milton Monte oportuniza ampliar as discussões sobre processo projetual e também as interações espaciais originadas a partir de sua vivência com o ambiente projetado.

A residência em questão é de propriedade do arquiteto Monte na cidade de Belém, Estado do Pará, situada na avenida Conselheiro Furtado, em que realizou diversas alterações/reformas, pautadas em suas próprias necessidades como usuário e embasadas tecnicamente segundo sua concepção como arquiteto. A residência é um produto de seu pensamento ao longo do tempo conforme as necessidades se sobreponham.

O arquiteto Milton Monte, nascido no Acre e residente em grande parte da sua vida em Belém, se destacou nacionalmente como um expoente da arquitetura tropical, sob uma singularidade amazônida – com a vida na floresta sendo referência e inspiração para seus projetos, com a manifestação cultural como fator atuante em seu processo de concepção.

Embora diversos estudos apontem sua produção como a “arquitetura do Barracão” (ARRAES; PERDIGÃO, 2020; PERDIGÃO *et al.*, 2018), o que caracterizou sua obra após o contato com uma casa indígena em Belém na década de 1970, a arquitetura produzida com a construção de sua residência na capital apresenta alinhamento com a arquitetura moderna, ainda que mantenha atenção a aspectos culturais e ambientais da Região Amazônica. Segundo Perdigão *et al.* (2018), o projeto é alinhado a um regionalismo crítico que compreendia a cultura do lugar, observando as referências da região como fonte de inspiração, sendo as residências do arquiteto um laboratório de ideias.

Ao final de sua vida, em razão de ter se tornado cadeirante, incorporou adequações acessíveis em suas residências na capital e de veraneio. A compreensão das decisões arquitetônicas de Milton Monte e sua experiência como cadeirante perpassam primordialmente



decisões projetuais, tomadas a partir de um contexto pessoal específico em que o arquiteto esteve inserido. Tais decisões não podem ser analisadas diretamente pelo contato com o próprio arquiteto, assim, busca-se uma análise do processo do arquiteto relacionando os discursos de terceiros às soluções adotadas por Monte na residência. Além da materialidade do espaço, entende-se que ele abrange motivações e memórias, e, por isso, permite um encontro significativo entre a perspectiva de usuário e do pensamento como arquiteto, enriquecendo o olhar do arquiteto para a arquitetura e a acessibilidade.

## O PROJETO DE ARQUITETURA COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Existe uma profícua discussão acerca do projeto arquitetônico como objeto de investigação científica no Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano (LEDH) da Universidade Federal do Pará, ao qual a pesquisa de dissertação em andamento está vinculada. A pesquisa em projeto, como parte das atividades acadêmicas, vem demonstrando com seus resultados o quanto as operações de projeto se distinguem de um olhar técnico tradicional.

Trata-se de estudos que demarcam um campo de conhecimento produzido para apoio ao exercício projetual que estão além de uma prática técnica, em que participam métodos, processos cognitivos e representações (DEL RIO, 1998; OLIVEIRA, 2015; PERDIGÃO, 2009; MALARD, 2006; SILVA, 1994). O processo projetual representa uma operação cognitiva que resulta na concepção arquitetônica considerando outros elementos que são significativos para a definição de um projeto arquitetônico.

Nesse sentido, Malard (2006) observa que uma obra constituída tem um pensamento prévio que a constituiu. Segundo a autora (2006), a aparência (o aspecto visível) de uma arquitetura contém os pensamentos da pessoa que o projetou. Silva (1994) afirma que a arquitetura, como objeto do conhecimento, tem como componente um amplo e complexo sistema cognitivo, o que de forma similar complementa o que Oliveira (2015) defende: o processo projetual é uma proposição fundamentada nas escolhas do projetista, à qual é possível atribuir diferentes significados na medida em que são estabelecidas as relações espaciais e programáticas que as englobam.

A concepção é uma dimensão do pensamento que abrange o produto final do fazer, suas decisões e a construção do pensamento do arquiteto, ou seja, seu desenvolvimento cognitivo pessoal. Segundo Piaget (apud AULT, 1978), conjuntamente ao crescimento físico, o



ser humano também desenvolve seu pensamento através de procedimentos operativos que elabora na interação ao meio ambiente que o rodeia (espaço). O espaço é o lugar da experiência. Nele, a cada estágio de desenvolvimento, o ser humano encontra meios de expandir suas estruturas cognitivas. Cada fase de desenvolvimento permite a progressão de esquemas que se referem tanto ao entendimento quanto à percepção afetiva.

Cada esquema de desenvolvimento humano pode fundamentar as representações espaciais na arquitetura (PERDIGÃO & BRUNA, 2009). Em cada interação com o ambiente ou espaço circundante, o ser humano encontra e desenvolve competências para lidar com ele. Portanto, o aparato cognitivo humano se desenvolve em uma evolução, passando por fases gradativas de ajustamento e condução de mobilidade do sistema, até alcançar o equilíbrio final (PIAGET apud PERDIGÃO & BRUNA, 2009).

A relação de esquemas cognitivos e o processo de projetar foram destacados por Oliveira (2015). O autor (2015) considera que, à medida em que se compreende o projeto como proposição, se pode incorrer em métodos ou esquemas de complexidade que dependem do quão reflexivo em sua prática decide ser o arquiteto acerca do espaço circundante e das relações travadas nesse espaço para gerar uma dada composição.

Os níveis de possibilidades de efetivação da proposição podem ser percebidos através de estágios ou fases. Para Perdigão & Bruna (2009), os estágios de desenvolvimento de Piaget remetem ao desenvolvimento das noções operativas em projeto arquitetônico, considerando-se o nível da complexidade das relações humanas (percebidas em projeto) como parte desse desenvolvimento cognitivo presente no ser humano.

Desse modo, pode-se afirmar que Piaget (apud AULT, 1978) observa a existência de quatro períodos (cada um, composto de estágios) que estruturam cognitivamente o desenvolvimento humano: (1) período sensório-motor, que está presente do nascimento até 2 anos; (2) período pré-operatório, de 2 anos até 7 anos; (3) período operatório concreto, de 7 a 11 anos; (4) período operatório formal, de 11 a 15 anos ou mais. Em cada período, o ser humano desenvolve, como já foi dito, uma capacidade de resposta a estímulos oferecidos pelo ambiente.

No primeiro estágio, o estímulo ambiental se reporta a uma atuação dos reflexos e órgãos sensoriais, que gradativamente vão ceder ao controle voluntário. No segundo estágio, ocorre o desenvolvimento do “funcionamento simbólico”, que significa a capacidade de



representar algo que é diferente e que não está presente, bem como as primeiras relações espaciais (parte/todo, classes de objetos). No terceiro período, o operatório concreto, ocorre o desenvolvimento de operações e processos. Já no quarto período, o operatório, se desenvolvem o pensamento hipotético e o raciocínio.

Tais períodos de aprendizagem podem ser incorporados ao campo da arquitetura através das tomadas de decisão dentro do processo projetual (PERDIGÃO & BRUNA, 2009), em que se compreende que existe uma relação entre representações humanas e o meio físico/espacial, na obra arquitetônica, que revelam fontes criativas e de inspiração projetual. São elencados três tipos de representação como princípio gerador dessas tomadas de decisão: a representação geométrica, que encontra sua origem nas formas euclidianas; a representação topológica, que encontra no tipo (como ideação arquitetônica) o princípio gerador; e a representação pulsional, que integra a dimensão afetiva inconsciente, ou seja, as imagens mentais, objetos de desejo e histórias pessoais como participantes de uma tomada de decisão.

Cada tomada de decisão ou representação espacial se relaciona a uma fase estipulada por Piaget: o desenvolvimento da fase sensório-motor, por exemplo, tem vínculo com a representação pulsional; a fase pré-operacional se vincula ao desenvolvimento da representação topológica; a fase concreto-operativa se relaciona ao desenvolvimento da representação geométrica. Ainda segundo Perdigão & Bruna (2009), a fase formal-operativa se relaciona ao desenvolvimento da representação geométrica-complexa.

Muitos autores têm relatado essa relação do simbólico vinculado à interação espacial. Malard (2006), por exemplo, considera que um objeto arquitetônico tem três dimensões compositivas que se relacionam com o espaço construído: simbólica, funcional e tecnológica. É na dimensão simbólica que os pensamentos, intenções, sentimentos, desejos e subjetividade do projetista se expressam. Além disso, para a autora (2006), o espaço é o lugar onde ocorre a experiência de vivência do sujeito/usuária a partir da percepção do seu corpo. A arquitetura, no caso, incorpora lugares que remetem a um significado estabelecido pela vivência naquele espaço.

O espaço como campo disciplinar da arquitetura é um paradigma novo, e estabeleceu aproximações epistemológicas entre o ser humano e espaço construído (PERDIGÃO, 2012). O espaço é categoria constitutiva inerente ao ser humano, incorporando na materialidade existente as necessidades, expectativas dos seres humanos (MALARD apud PERDIGÃO, 2012).





Para Norberg-Schulz (2004), o lugar não é uma categoria abstrata, “indiferente”, uma localização no espaço, mas uma relação de experiência, sentimentos, percepção sensorial e memória entre pessoa e ambiente. Silva (1994) considera, também, que o propósito da arquitetura advém da relação que estabelece entre necessidades, aspirações e expectativas humanas às características físicas do espaço. Moholy-Nagy (apud BARKI, 2009) também aborda o espaço como parte da percepção, observando-o como um lugar das relações de vivência, oferecendo uma experiência de sentidos.

A necessidade se coloca como uma questão premente no processo projetual, norteando as relações com o ambiente vivido a partir das experiências significativas do envelhecimento de Milton Monte. Para Frankl (1976), as decisões pessoais não são causadas por suas limitações ambientais ou físicas, embora tais limitações participem de sua vivência. Cada pessoa é capaz de uma transcendência, a dimensão noética, que faz parte do sentido da existência pessoal. Assim, mesmo diante da perspectiva como cadeirante, da vivência relativa ao espaço, ela não limita o processo projetual do arquiteto.

A necessidade como categoria de análise faz parte, inclusive, das premissas do Desenho Universal. O desenho universal é uma filosofia de projeto que pretende atender à maior parcela da população, conforme a combinação de suas necessidades (DORNELES *et al.*, 2013; CAMBHIAGHI, 2012). Todo projeto arquitetônico visa atender às necessidades do usuário, mas o alcance da diversidade de pessoas é o desafio dessa premissa. Isso coloca o viés da necessidade não como particularidade do projeto de acessibilidade, mas significando que as adequações tomadas por Milton Monte são parte intrínseca de sua concepção projetual.

Um projeto de acessibilidade costuma prover dimensões mínimas para um grupo de indivíduos com limitações, referendando-se em normas de acessibilidade. Já o Desenho Universal está ligado à concepção de projetos, porque, como princípio, intenta permear o processo projetual como um todo (DORNELES *et al.*, 2013). Ressalte-se que, para Dorneles *et al.* (2013), a fim de ser considerado um desenho universal, é necessário haver conhecimento aprofundado das necessidades espaciais das pessoas.

Observando tais proposições, existem duas relações pertinentes que nos interessam para entender o processo projetual na casa do arquiteto Milton Monte: o projeto como concepção e o espaço de vivência, de modo que suas residências se revelam como o ponto de encontro entre sua conduta como profissional e sua vivência como usuário final.



## PESQUISA EM PROJETO: CONCEPÇÃO E VIVÊNCIA ESPACIAL

Trata-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa que considera a subjetividade humana, a flexibilidade de planejamento e as técnicas aliadas a entrevistas estruturadas ou abertas como o cerne da pesquisa (GIL, 2014). Além disso, o ambiente do pesquisado tem relevante constituição nesse tipo de método/pesquisa (GROAT & WANG, 2013).

A pesquisa contou com entrevistas que foram cruzadas com outras estratégias combinadas para investigar e analisar o processo de projeto de Milton Monte. Os dados coletados se referem a três entrevistas com familiares do arquiteto, levantamento e croquis da planta baixa, redesenho da planta baixa da residência do arquiteto Monte, levantamento fotográfico da casa (principalmente das adequações em acessibilidade), além de pesquisa bibliográfica sobre processo projetual.

Sobre as entrevistas com familiares, é importante ressaltar que tais memórias se constroem em três sentidos principais: (1) a visão dos filhos sobre a identidade de Milton Monte, percebendo-o no perfil de pai, arquiteto e professor; (2) as reformas na casa onde viviam, situando o contexto dessas transformações; e (3) as decisões quanto às adaptações em acessibilidade (durante o final da vida do arquiteto).

Ao responder sobre quem é Milton Monte, os filhos foram diretos em demonstrar um pai presente, alegre, satisfeito com a profissão e a vida; uma pessoa dedicada tanto à vida profissional quanto familiar. A relação entre a profissão e a vida pessoal era tão próxima, que foi possível notar, em suas falas, um aspecto humanizador de seu processo projetual, de onde o lar se constituía como um importante fator para desenvolver sua criatividade.

A conduta do arquiteto Monte, através dos filhos, descreve sua relação com os níveis de representação espacial, conforme Perdigão & Bruna (2009) reforçam que a vivência espacial do ser humano se vincula tanto a uma representação existencial – topológica – quanto à manifestação inconsciente – representação pulsional (Quadro 1 e Figura 1).

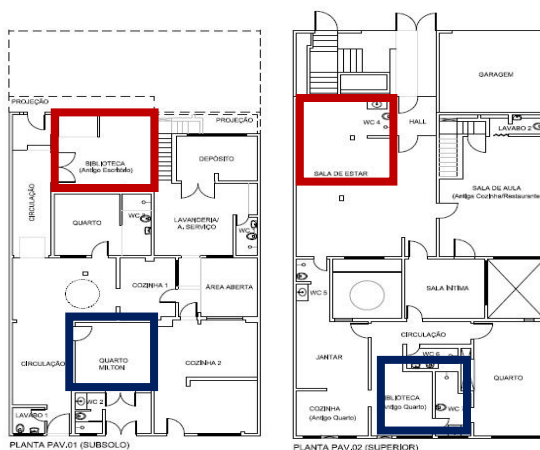
A dupla função de arquiteto e professor também afina um caminho dentro do processo projetual para o que se chama de prática reflexiva: a formação continuada, pautada nas trocas não fechadas – não prontas – entre professor e aluno, permite uma contínua superação, uma transformação da prática (SCHON apud OLIVEIRA, 2015). Muito da atuação profissional de Milton Monte como professor deve ser analisado, mas considera-se que tamanha influência



dessa profissão em seus filhos reforça o caráter humanizador de um profissional que percebia essa parte de sua formação como a mais importante.

<b>1. Processo projetual</b>
<b>1.1 Aproximação entre ser pai x ser profissional:</b> lar como fonte criativa do projeto. Observa-se, em ambas as plantas, que onde estivesse o quarto pessoal do arquiteto, próximo estaria o escritório.
<b>Discursos:</b>
“[...] ele gostava de estar trabalhando no mesmo espaço onde ele morava”. (A., em entrevista no dia 30/11/2018).
“[...] Sempre o vi trabalhando, em casa, bastante. Ao mesmo tempo em que ele estava sempre atento ao que ele fazia, ele nunca deixava de dar atenção pra gente”. (M., em entrevista no dia 01/12/2018).
“[...] Ele iniciava o dia indo pra mesa projetar e onde estivesse seu escritório, essa era um pouco a rotina. Sobre tudo nos últimos anos que ele se aposentou da escola técnica [...] mas era essa um pouco essa rotina. Então, ele dava preferência pelo trabalho na casa dele. Sempre se movimentando...” (A., em entrevista no dia 30/11/2018)

**Quadro 1 – Aproximação entre o papel de usuário e profissional**  
Fonte: as autoras (2019).



**Figura 1 – Proximidade entre escritório e lar**  
Fonte: LEDH (2019).

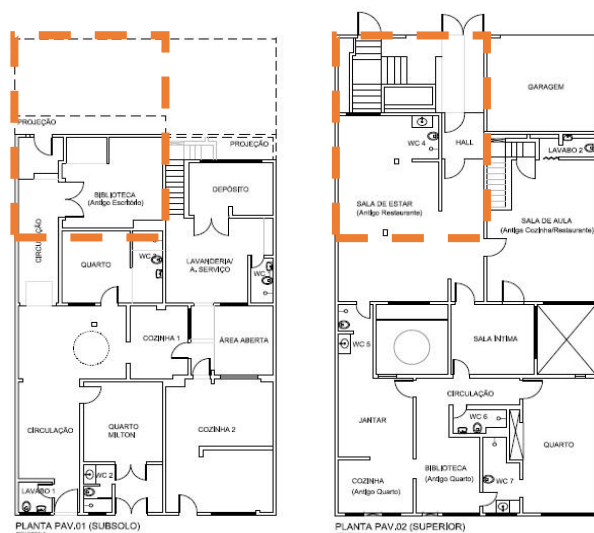
Dois filhos comentaram sobre a atuação do pai no espaço residencial, atribuindo como principal característica a flexibilidade do arquiteto em modificar o espaço e a adaptação às mudanças. Nesse sentido, é importante frisar a relação projetual entre “ser arquiteto” e “ser usuário do espaço”, sendo mediados pelo fator adaptação, observando, portanto, as necessidades do arquiteto Monte em cada conjuntura (Quadro 2 e Figura 2).





<b>1. Processo projetual</b>
<b>1.2 Dimensões originais</b> (tracejado em laranja), em relação às dimensões atuais da casa.
<b>Discursos:</b>
“[...] A casa original (início da década de 60) tinha três pavimentos em um terreno de 7 metros de largura por 50 metros de profundidade. Terceiro piso: três quartos e dois banheiros; Piso no nível da rua: estar, copa cozinha, quarto, banheiro. Subsolo: garagem, escritório, lavanderia/serviço”. ( <i>AR em entrevista no dia 06/12/2018</i> )
“[...] a casa do meu pai foi construída em 1959, se eu não me engano. Foi essa data que ele sempre me falava. Eu nasci depois, por isso, eu não tenho certeza disso. [...]. A primeira versão da casa foi construída em apenas, se eu não me engano, em sete metros de frente, da Conselheiro. E era um porão e mais dois andares”. ( <i>M., em entrevista no dia 02/05/2018</i> )

**Quadro 2 – Vivências e alterações no espaço**  
Fonte: as autoras (2019).



**Figura 2 – Dimensões originais** (tracejado em laranja)

Fonte: LEDH (2019).

No Quadro 3 e na Figura 3, destaca-se a reforma realizada na década de 1970, que consistiu na retirada do terceiro andar, como aponta o relato de A. O tracejado em verde corresponde à aquisição do terreno à esquerda, e fez parte das reformas implementadas na casa no período (ampliação aos fundos da casa em azul). Essas datação e modificações são pontos em comum nas respostas dos três filhos.

<b>1. Processo projetual</b>
<b>1.3 Reforma nos anos 1970</b> (compra do terreno tracejado em verde; ampliação da área original na parte azul tracejada e apagamento do terceiro andar tracejado em vermelho)



#### Discursos:

“Na década de 70, foi incorporado um terreno de 5 metros de largura, e o terceiro piso foi demolido. Piso no nível da rua: estar, copa, cozinha, quartos e banheiros, estar íntimo. Subsolo: escritório, lavanderia/serviço”.

(AR em entrevista no dia 06/12/2018)

“A casa, na verdade, ela tinha três andares. E se você for olhar a casa ao lado, ela tem muita semelhança com o projeto original que foi feito. [...] Ele resolveu fazer uma reforma, que eu me lembro, essa reforma atendeu muito aos pedidos da minha mãe, que vamos dizer assim, se incomodava muito pelo fato de a casa ter três andares. [...] Esse terceiro andar foi demolido, e como foi comprado o terreno ao lado, então, deu para espraiar mais a área íntima, social, né, que ficou ali naquele segundo andar”. (A., em entrevista no dia 30/11/2018).

“[...] Na primeira reforma que começou em 1976... foi tirado o andar de cima, e construído na mesma altura, claro, tanto no porão quanto no primeiro andar. Os quartos que eram em cima passaram para a parte de trás, do andar superior e a cozinha ficou na frente, só que olhando de frente para a casa, do lado esquerdo. Essa foi a primeira fase e deve ter sido inaugurada em 76...” (M., em 02/05/2018)

#### Quadro 3 – Reforma nos anos 1970

Fonte: as autoras (2019).

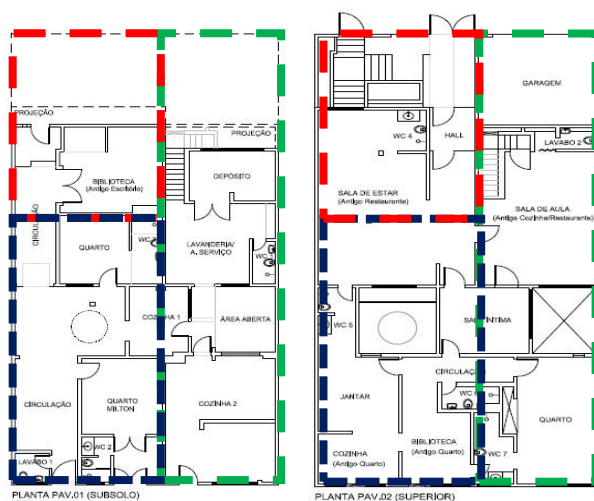


Figura 3 – Reforma nos anos 1970

Fonte: LEDH (2019).

Apresenta-se a fachada da casa atualmente, demonstrando os resultados da integração do terreno incorporado à propriedade do arquiteto Monte pelo lado esquerdo, bem como a retirada do terceiro andar.



**Figura 4 – Fachada da Casa Milton Monte**

Fonte: as autoras (2019).

Na década de 1980, ocorreram algumas mudanças de setorização e mudança do escritório para o nível da rua, conforme aponta o discurso transcrito no Quadro 4.

<b>1. Processo projetual</b>
<b>1.4 Reforma na década de 1980</b>
<b>Discursos:</b>
“Na década de 80 [houve], nova reforma: estar, copa, cozinha foram para o subsolo e o escritório passou para o piso no nível da rua”. (AR em 06/12/2018)

**Quadro 4 – Reforma nos anos 1980**

Fonte: as autoras (2019).

Outras mudanças foram relatadas, mas as principais são: a reforma na década de 1990 (Quadro 5 e Figura 5) para adaptação de um restaurante; o retorno da segunda irmã e a família, quando a primeira se mudou (após o falecimento da mãe); e as decisões de Milton Monte de mudar de andar entre 2000 e 2010 (Quadro 6 e Figura 6).

<b>1. Processo projetual</b>
<b>1.5 Reformas nos anos 1990: escritório e quarto de Milton Monte no subsolo (em vermelho); restaurante no pav. superior (em azul), família de AR nos fundos do pav. superior (verde).</b>
<b>Discursos:</b>
“[...] até que, em 1992, a minha irmã passou a fazer funcionar na parte superior da frente da casa, um restaurante [que] funcionou de 92 até 2001. O restaurante funcionava só na primeira metade da casa que equivalia [...] na segunda versão da casa, a grande sala de estar, né, de recepção e mais a cozinha e sala de jantar. E a partir de 98, a AR. e o marido começaram a utilizar a área íntima, e os três quartos originalmente da família... porque o papai, depois da morte da mamãe, ele preferiu ficar

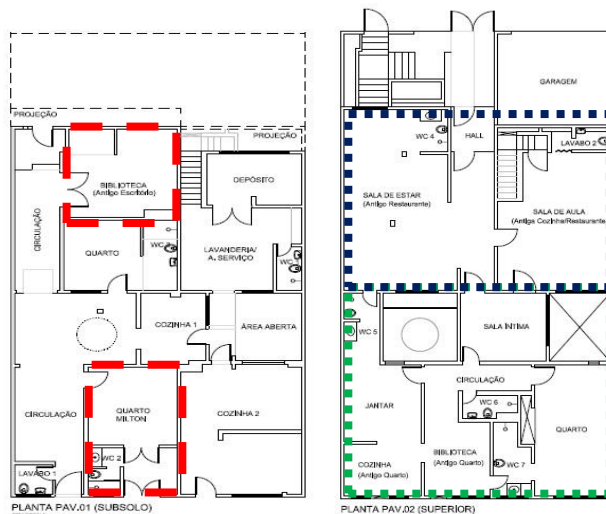


no andar inferior..." (M., em 02/05/2018)

"Na década de 90, o escritório passou para o subsolo novamente. Final da década de 90, após a morte da minha mãe [...], adaptou um dormitório e banheiro no subsolo e passou a usar somente o subsolo. Tinha dificuldade de locomoção, principalmente quando precisava sair e tinha de vencer as escadas". (AR em 06/12/2018)

#### Quadro 5 – Reforma nos anos 1990

Fonte: as autoras (2019).



#### Figura 5 – Reforma nos anos 1990

Fonte: LEDH (2019).

A partir disso, ocorreram importantes modificações espaciais quanto à acessibilidade. Nos relatos dos irmãos, observa-se uma divergência quanto às implementações acessíveis, tais como rampas e barras de apoio.

#### 1. Processo Projetual

##### 1.6 Mudanças nos anos 2000 (quarto e escritório sobem do pavimento inferior ao superior)

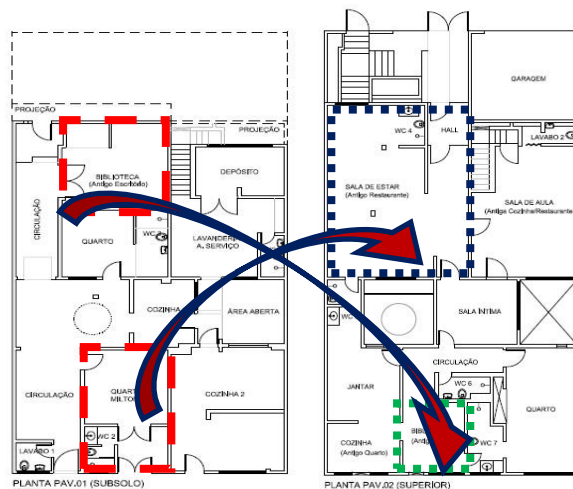
#### Discursos:

"E aí, depois que eles saíram [a família de A.], o meu pai resolveu, sair lá de baixo, de onde ele estava, e já subir, para o andar superior. Isso foi em 2006-2007". (M., em 02/05/2018)

"[...] Não sei se foi em 2010 ou se foi antes, ele fez uma outra reforma e trouxe o quarto dele para o que a gente convencionou chamar sala de estar no andar superior". (M., em 02/05/2018)

#### Quadro 6 – Reforma nos anos 2000

Fonte: as autoras (2019).



**Figura 6 – Mudanças nos anos 2000**

Fonte: LEDH (2019).

M., em relato feito em 2 de maio de 2018, considera as adaptações – rampas, barras artesanais nos banheiros, mudanças de andar – como parte do processo de adequação do ambiente à condição do pai como pessoa com mobilidade reduzida e cadeirante (Quadro 7 e Figuras 7 e 8).

<b>2. Processo projetual e acessibilidade</b>
<b>2.1 Adequações acessíveis: rampas</b>
<b>Discursos:</b>
<p>“E a partir desse momento, exatamente, dessa última mudança... dessa última grande mudança de andar, no caso, é que ele passou a sentir mais os problemas da perna, da artrose dele. E aí foi quando ele passou a fazer algumas modificações, tipo, rampa... A entrada da casa não tinha rampa... Ele adaptou uma rampa, até hoje está lá essa acessibilidade. Fez uma outra rampa... passando pela...pela área íntima, né, que é a sala íntima que ligava o ambiente social da casa, com a área dos quartos íntima... e ele ficou lá, nesse movimento, até mais ou menos 2010”. (M., em entrevista no dia 02/05/2018)</p>
<p>“Quando ele se tornou cadeirante, passou a utilizar somente o piso no nível da rua, fazendo poucas adaptações nos cômodos e construindo rampas de madeira em alguns desníveis”. (AR., em 06/12/2018).</p>

**Quadro 7 – Rampas**  
Fonte: as autoras (2019).





**Figura 7 – Rampa de acesso na entrada**  
Fonte: as autoras (2018).



**Figura 8 – Rampa no subsolo**  
Fonte: as autoras (2018).

Para A., as rampas estavam dentro do processo mais antigo de reformas (determinadas por outras razões) e não voltadas para a acessibilidade. A principal mudança, para ela, em acessibilidade, dizia respeito à mudança para um andar cujo piso possuía maior nivelamento (Quadro 8 e Figura 9).

<b>2. Processo projetual e acessibilidade</b>
<b>2.2 Adequações acessíveis: escolha de ambientes/acessos com melhor nivelamento</b>
<b>Discursos:</b>
“[...] Então, como ele era grande, né, as cadeiras tinham que ser grandes. Isso dificultava um pouco. Talvez por isso ele quis trazer esse quarto para a parte da frente”. (A., em entrevista no dia 30/11/2018).



“E também, assim, que eu percebo [...] que [queria estar] no andar de baixo, no sentido assim de um piso em continuidade, sem muitos declives ou aclives”. (A., em entrevista no dia 30/11/2018).

#### Quadro 8 – Ambientes e acessos

Fonte: as autoras (2019).

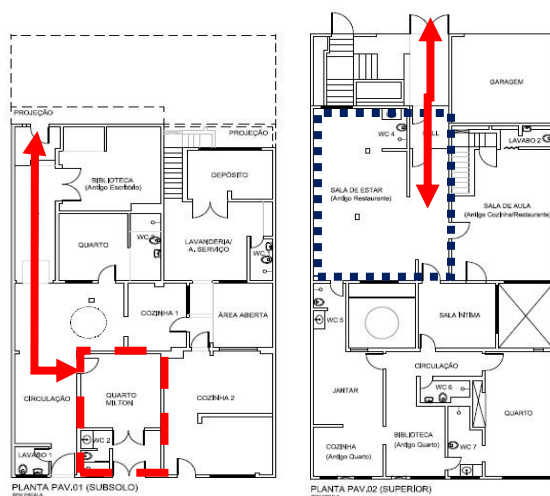


Figura 9 – Escolha de ambientes com melhores acessos e nivelamento

Fonte: LEDH (2019).

Outras significativas modificações foram as barras de apoio. Muitas delas foram feitas como adaptações caseiras, com o alcance manual estabelecido conforme a sua ergonomia pessoal, demonstrando, conforme os estudos de Pedroso & Perdigão (2014), que o alcance manual de idosos na Amazônia é diferente do padrão homogeneizante da norma NBR 9050 (Quadro 9 e Figuras 10 e 11).

<b>2. Processo projetual e acessibilidade</b>
<b>2.3 Adequações acessíveis: barras de apoio</b>
<b>Discursos:</b>
“Ele adaptou, né, fez várias modificações caseiras mesmo. Alguma ou outra que ele fez, já de acordo com as existentes, né? Comprou pronta, digamos assim, no mercado. Então, ele já fez alguns, apoios de mão, lá no andar inferior mesmo, ainda, antes dele subir. Porque tinha uma certa dificuldade. Banheiro sempre muito escorregadio, então, ele fazia sempre essa alteração”. (M., em 02/05/2018)

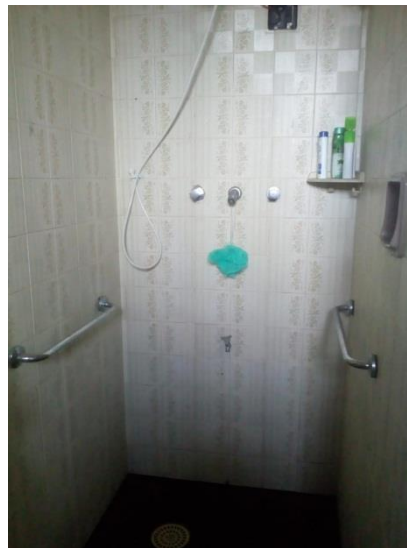
#### Quadro 9 – Barras de apoio

Fonte: as autoras (2019).



**Figura 10** – Adaptações caseiras (barra de apoio)

Fonte: as autoras (2018).



**Figura 11** – Barras de apoio (compradas) adaptadas no box do pavimento superior

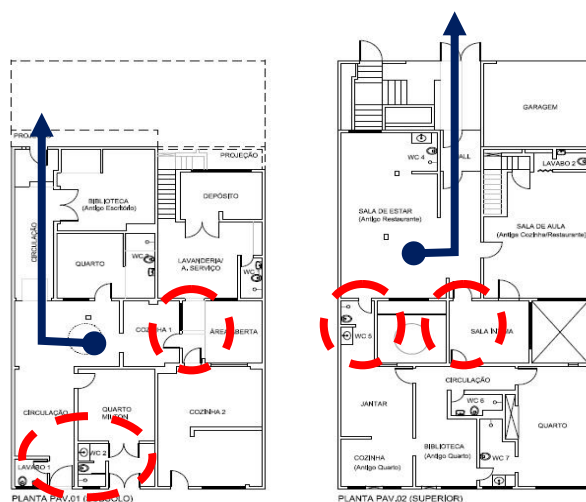
Fonte: as autoras (2018).

Outras considerações relevantes dizem respeito às barreiras encontradas por Milton Monte, segundo as memórias de seus filhos, quando se tornou cadeirante. Um dos filhos observa a dificuldade de locomoção de acessos e desníveis; os outros reforçam essa dificuldade de locomoção, mas incluem os aspectos emocionais dessas barreiras, tais como a impossibilidade de usar a área do quintal (área de lazer) ou de ser independente na viabilização de seus projetos como cadeirante (Quadro 10 e Figura 12).



<b>2. Processo projetual e acessibilidade</b>
<b>2.4 Barreiras e dificuldades</b>
<b>Discursos:</b>
<p>“A grande barreira de dificuldade, na minha casa... [é] que os corredores e as portas, elas não eram feitas para cadeira de rodas, e isso dificultou algumas passagens. Os desníveis, esses desníveis que ele fez, da sala de estar para a área íntima e depois um pequeno desnível para os quartos[...] isso exatamente dificultou... e era exatamente por isso que a gente tinha essa rampa ligando a sala de estar aos quartos.” (M., em 02/05/2018)</p>
<p>“[...] Como as adaptações não foram suficientes, havia dificuldade na sua locomoção com a cadeira de rodas. Sentia falta principalmente do uso do quintal/barracão para lazer, onde ia algumas poucas vezes e com muita dificuldade”. (AR., em 06/12/2018).</p>
<p>“[...] logo no início, era mais fácil pra ele sair de onde ele estava para ir para a cadeira de rodas. Em algum momento, já no final, precisava de ajuda, de pessoas. [...] Ele era uma pessoa muito ativa do ponto de vista mental, ele estava sempre concebendo coisas, então, imagino que essa era a dificuldade do ponto de vista físico, que, de alguma forma, comprometia pelo menos as coisas que ele ficava, vamos dizer, imaginando. [...] Então, acho que essa limitação física ia, acabava nos últimos casos comprometendo a viabilização daquilo que ele projetava”. (A., em 30/11/2018)</p>

**Quadro 10 – Barreiras e dificuldades**  
Fonte: as autoras (2019).



**Figura 12 – Mobilidade limitada a alguns ambientes de fácil acesso (setas em azul) e dificuldades em outros ambientes com desnível e passagens estreitas (gargalos em vermelho).**

Fonte: LEDH (2019)

Apesar das divergências quanto às adaptações acessíveis, os relatos evidenciam, principalmente, a visão identitária de Milton Monte e a contextualização das principais reformas (observando o que foi subtraído e o que foi mantido), confirmando a capacidade inventiva e de superar limites do arquiteto. Frankl (1976) aponta que, mesmo diante de uma necessidade premente, cada pessoa é capaz de transcendência de seus limites pessoais (a dimensão



noética). Assim, apesar da perspectiva como cadeirante, da vivência relativa ao espaço, ela não impede o processo projetual do arquiteto.

Segundo o estudo do alcance manual em idosos na Amazônia, de Pedroso e Perdigão (2014), muitos dos idosos em atividade funcional têm um alcance mais confortável, mais acessível do que idosos que não estão em atividade funcional. Milton Monte, então, ao manter-se trabalhando mesmo enquanto cadeirante, mantinha-se funcional. “O pai dificilmente via dificuldades em sua condição de cadeirante. [...] Ele simplesmente se adaptava e encontrava soluções”, concluíram seus filhos em relato feito em 2 de maio de 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, colocou-se em evidência a vivência de Milton Monte como arquiteto e usuário do próprio espaço residencial como cadeirante, sendo este o ponto que humaniza o projeto e, ao mesmo tempo, empreende importantes variáveis epistemológicas, na produção do espaço.

A partir dos relatos coletados, foi possível tentar apreender uma série de articulações sobre a identidade de Milton Monte, a narrativa sobre sua vivência, com pontos ainda existentes e observáveis na residência do arquiteto Monte. Apesar das intervenções feitas, substituindo espacialmente grandes estruturas, bem como aquilo que foi mantido, revela-se ser possível aprofundar a análise espacial com esquemas na planta baixa, setorizando modificações ao longo do tempo (sob recortes estipulados pelas pessoas entrevistadas). Talvez se possa, ademais, corroborar tais analogias através do levantamento de uma possível planta original ou de um levantamento da casa vizinha à direita.

As divergências entre os relatos dos filhos sobre as decisões em acessibilidade podem posteriormente ser complementadas com novos relatos a fim de oferecer mais precisão às decisões do arquiteto – se são próprias de sua perspectiva como usuário ou se são parte de sua visão como profissional.

Finalmente, acreditamos ter colaborado em parte para a discussão sobre as decisões projetuais do arquiteto Milton Monte vinculadas à vivência do espaço por ele, enquanto cadeirante, resultando em adequações acessíveis. Este trabalho não se esgota, mas está aberto a novas possibilidades de pesquisa.





## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que sempre me incentivaram a me aprimorar. E à minha orientadora, Profa. Dra. Ana Klaudia Perdigão, que nunca desistiu de mim.

## REFERÊNCIAS

ARRAES, H. F. S.; PERDIGÃO, A. K. A. V. Soluções projetuais do Arquiteto Milton Monte para Amazônia no contexto da sustentabilidade. **Revista Científica ANAP Brasil**, v. 13, n. 30, p. 29-40, 2020. Disponível em: <https://www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/7658/form4016211758.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2021.

AULT, Ruth. **Desenvolvimento cognitivo da criança**: a teoria de Piaget e a abordagem de processo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BARKI, J. Aprendizado do fazer. In: OLIVEIRA, B. S. *et al.* (Org). **Leituras em teoria da arquitetura**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009.

CAMBIAGHI, S. **Desenho universal**: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: Editora Senac, 2012.

DEL RIO, V. Projeto de Arquitetura: entre criatividade e método. In: DEL RIO, V. (Org). **Arquitetura: pesquisa e projeto**. São Paulo: ProEditores; Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.

DORNELES, V. G.; AFONSO, S.; & BINS ELY, V. H. M. O Desenho Universal em espaços abertos: uma reflexão sobre o processo de projeto. In: **Gestão & Tecnologia De Projetos**, 1(8), 55, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4237/gtp.v1i8.251>. Acesso em: 2 mai. 2021.

FRANKL, V. **Psicoterapia clínica**: uma introdução casuística para médicos. [?]: Editora Pedagógica e Universitária, 1976.

GIL, A. C. Pesquisa Social. In:\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

GROAT, L & WANG, D. **Architectural research methods**. New Jersey: Wiley & Sons, 2013.

LEDH – Laboratório Espaço e Desenvolvimento Humano. **Levantamento e redesenho de planta baixa da residência de Milton Monte**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2019.

MALARD, M. L. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

NORBERG-SCHULZ, C. O Fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

OLIVEIRA, R. C.. Construção, Proposição: o projeto como campo de investigação epistemológica. In: CANEZ, A.P; SILVA, C.A. **Composição, partido e programa**: uma revisão crítica de conceitos em mutação. Porto Alegre: [?], 2015.



PERDIGÃO, A.K. **Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura.** In: Vitruvius, 2009.

PERDIGÃO, A. K. A.V. & BRUNA, G.C. Representações Espaciais na concepção arquitetônica. São Paulo: **Anais** do IV Projetar, 2009.

PERDIGÃO, A. K. A. V. Investigações sobre a interação entre ser humano e ambiente construído pelo projeto de arquitetura. In: **II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo** - Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas, 2012, Natal. II ENANPARQ, 2012.

PERDIGÃO, A. K. A. V.; OLIVEIRA, L. F.; LADEIA, D. C. S.. MILTON MONTE E SUA ARQUITETURA DO BARRACÃO: análise da Residência Onda Amarela, Ilha do Mosqueiro (PA). In: **Anais...** III Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, 2018, Belém. III SAMA, 2018.

PEDROSO, A. C. P. C.; PERDIGÃO, A. K. A. V. Estudo de Alcance Superior para o idoso da Amazônia. In: **Anais...** V Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído VI Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral, 2014, Rio de Janeiro. ENEAC2014, 2014.

PEREIRA, A.K.O; FUJIOKA, P.Y. A Residência do arquiteto: uma análise gráfica das casas de Vilanova Artigas. São Paulo: **Revista Risco/Instituto de arquitetura e urbanismo – IEU-USP**, 2015, Vol.21-1, pp.36-59.

SILVA, E. **Matéria, Idéia e forma.** Uma definição de Arquitetura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.